

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE HISTÓRIA**

MONIZE BONFANTE LAURINDO

**MULHERES E HISTÓRIA:
ESTUDO BIOGRÁFICO DE PATRÍCIA GALVÃO (1929-1962)**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010

MONIZE BONFANTE LAURINDO

**MULHERES E HISTÓRIA:
ESTUDO BIOGRÁFICO DE PATRÍCIA GALVÃO (1929-1962)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Biografia.

Criciúma, 08 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Marli de Oliveira Costa.

Prof^a. Msc. Lucy Cristina Ostetto.

Prof^a. Msc. Leila Lourenço.

Dedico esse TCC para toda a minha família, a minha professora orientadora Lili, ao meu namorado Ramom, a minha prima Edevalda e aos meus eternos amigos Luiz Filipe, Adria e Gisele.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, que foi meu maior porto seguro. Com a ajuda Dele eu tive forças para chegar ao final dessa pequena jornada. Ele me deu toda coragem que eu precisava para ir além dos meus limites e não me deixou faltar forças para ir até o final e quebrar as barreiras.

Aos meus pais Alcides e Eunice, ambos serão responsáveis por cada sucesso obtido e cada degrau avançado pro resto da minha vida.

A minha irmã Mardiori, que sempre esteve ao meu lado.

A minha orientadora Lili, que foi quem me incentivou a fazer esse trabalho. Muito obrigada professora, nunca me esquecerei de você.

A minha prima Edevalda, que me ajudou a concluir esse trabalho e que sempre me ajudou quando eu precisava.

Ao meu amigo Luiz Filipe, que sempre me ajudou durante o tempo que estive na faculdade.

A minha amiga e segunda mãe Adria, que foi ao lado dela que vive os melhores momentos de minha vida, numa amizade sincera e verdadeira.

A minha amiga Gisele, que sempre me acompanhou até o último momento da faculdade, uma pessoa leal e companheira que sempre se fez presente nas horas tristes e felizes de minha vida.

Ao meu namorado Ramom, que durante a realização desse trabalho sempre me apoiou, me compreendeu e me deu força para que eu seguisse em frente. Te amo ♥!

Não sou atriz
Modelo, dançarina
Meu buraco é mais em cima
Porque nem!
Toda feiticeira é corcunda
Nem!
Toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Eu sou mais macho
Que muito homem...

(Trecho da música Pagu – Maria Rita).

RESUMO

O TCC apresenta uma discussão sobre a vida de Patrícia Galvão (Pagu), uma mulher que lutou pelos direitos das mulheres e conquistou espaços na sociedade na primeira metade do século XX no Brasil. O objetivo desse estudo é apresentar Pagu como uma mulher pertencente a uma temporalidade, século XX, em transformação, que desafia padrões e modelos consagrados às mulheres. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura acerca da história das mulheres no século XIX e XX e publicações sobre a vida de Pagu. Esse estudo é uma contribuição para os estudos de gênero, pois ao discutir o tema mulher, desencadeia uma série de lutas e conflitos que esse gênero, enfrentou em sua história. Como resultado desse estudo percebe-se que Pagu contribuiu para a emancipação feminina, por sua postura de não submissão aos padrões sociais e pela sua atuação na vida política do Brasil.

Palavras - chave: Patrícia Galvão. Pagu. Política. Gênero.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O processo de emancipação das mulheres no Brasil	9
2.1 A mulher no século XIX	9
2.2 A mulher no século XX	17
3 PAGU UMA MULHER DO SEU TEMPO: UM ESTUDO BIOGRÁFICO.....	21
3.1 A infância de Pagu	22
3.2 Pagu: a normalista	23
3.3 Pagu na intimidade: amor e maternidade	26
3.4 Pagu e sua vida pública: mulher e comunista.....	28
3.4.1 Detalhes de sua vida como comunista.....	32
4 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	37
ANEXOS	39
ANEXO I – VIDA DE PATRÍCIA GALVÃO	40
ANEXO II – CRONOLOGIA DE PATRÍCIA GALVÃO.....	43

1 INTRODUÇÃO

O TCC apresenta uma discussão sobre a vida de Patrícia Galvão (Pagu), uma mulher que lutou pelos direitos das mulheres e conquistou espaços na sociedade na primeira metade do século XX no Brasil.

O objetivo desse estudo é apresentar Pagu como uma mulher pertencente a uma temporalidade, século XX, em transformação, que desafia padrões e modelos consagrados às mulheres. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura acerca da história das mulheres no século XIX e XX e publicações sobre a vida de Pagu. Esse estudo é uma contribuição para os estudos de gênero, pois ao discutir o tema mulher, desencadeia uma série de lutas e conflitos que esse gênero, enfrentou em sua história. Como resultado desse estudo percebe-se que Pagu contribuiu para a emancipação feminina, por sua postura de não submissão aos padrões sociais e pela sua atuação na vida política do Brasil.

Ratificando, o objetivo deste TCC, então é mostrar a importância dessa personagem na história do Brasil, pois além de desafiar, desobedecer os padrões estabelecidos para as mulheres de seu tempo, Pagu teve uma participação efetiva na política brasileira como militante comunista.

A metodologia para alcançar tal objetivo, foi a revisão de literatura sobre a história das mulheres no Brasil nos séculos XIX e XX e a leitura e seleção de fatos da vida de Pagu por meio de escritos acerca de sua vida pública e privada. Portanto, esse estudo se enquadra no campo de estudos biográficos¹.

Para analisar o tema foram utilizados os seguintes autores: Geraldo Galvão Ferraz, Augusto de Campos, no que diz respeito aos dados acerca da vida de Pagu.

Para discutir as mulheres na história do Brasil utilizei: Margareth Rago, Epistemologia feminista, gênero e história, Do cabaré ao lar; Elisabeth Badinter, Um amor conquistado; Mary Del Priore, A mulher na história do Brasil; Eric J. Hobsbawm, Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991; Ana Paula Rodrigues Figueirôa, Ultrapassando os preconceitos e tabus da corporeidade; Camila Ferreira Santos Silva, Do lar aos salões; Valdelice Borghi Ferreira, Vânia Regina Boschetti,

¹ O objetivo desse estudo é abordar a vida de pessoas, tentando problematizar o conteúdo apresentado nas biografias.

Condição feminina, imprensa operária e educação; Washington Dener, Educação e gênero.

O trabalho foi dividido em dois capítulos: o primeiro, intitulado “O processo de emancipação das mulheres no Brasil”, aborda a questão da vida das mulheres e suas conquistas.

O segundo, intitulado “Pagu uma mulher do seu tempo: um estudo biográfico” aborda a vida de Patrícia Galvão, como mulher, esposa, comunista e política militante.

Esse TCC como um estudo biográfico traz contribuições para a história da política e das mulheres no Brasil.

2 O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL

Para compreender a trajetória de vida de Patrícia Galvão é necessário conhecer em que contexto ela vivia e revisitar o processo de emancipação das mulheres durante o século XX. Para tanto esse capítulo apresenta num primeiro momento alguns aspectos da vida das mulheres no século XIX, compreendendo que esse século ajudou as conquistas do século XX.

Patrícia Galvão, filha de Thiers Galvão de França e Adélia Rehder Galvão nasceu em 9 de junho de 1910, em São João da Boa Vista, no limiar do século XX a distância do século XIX ainda era muito próxima, prevalecendo os valores desse século, em vários setores da sociedade (família, estado igreja), portanto, o nascimento de Patrícia pode ser entendido como num tempo de passagem de um século para o outro, passagem que não implica exatamente no tempo, mas, nas mudanças que irão ocorrer no novo século.

Meu objetivo é apresentar a vida privada e pública de Patrícia Galvão (Pagu) no século XX, século em que vários setores da sociedade (trabalhadores, crianças, idosos e mulheres) conquistaram direitos. Hosbsbawm (1995) coloca que o século XX deve ser compreendido como um século de crescimento econômico e transformação social e isso, com certeza atingiu as pessoas que viveram esse século, pois tiveram que se habituar aos poucos a pouco novas modelos de vida.

Como as mulheres eram vistas nos séculos XIX e XX? Como elas foram representadas na história?

2.1 A mulher no século XIX

Para podermos compreender a vida de Patrícia Galvão precisamos retroceder no século XIX, e verificar como as mulheres brasileiras, foram representadas na historiografia até meados do século XX. Segundo Mary Del Priore, no século XIX as mulheres podem ser descritas da seguinte forma:

A mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de mobilidade. Auto-sacrificada, submissa sexual, e materialmente e reclusa com rigor à imagem da mulher de elite opõe-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, pivô da miscigenação e das relações inter-étnicas que justificaram por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados. (DEL PRIORE, 1994, p.11)

Percebe-se que as mulheres eram vistas com olhar preconceituoso, isso quando eram mencionadas. Algumas mulheres eram citadas como prostitutas ou feiticeiras. Só eram associadas às relações não discriminatórias, quando observadas como esposas e mães e se fossem submissas aos maridos. Mulheres que tomavam participação política, mesmo em casa, eram mal vistas. As que faziam isso eram chamadas de adúlteras ou bruxas, percebidas como um mal para a sociedade. (DEL PRIORE, 1994, p. 12).

Mas, as mulheres não tinham nenhum poder? Segundo Mary Del Priore:

Melhor do que tentar responder se as mulheres tinham poder, é tentar decodificar que poderes informais e estratégias elas detinham por trás da ficção do poder masculino, e como se articulavam a tal subordinação e resistência. O estudo dos discursos normativos sobre a mulher deve ser estimulado quando levar em conta as práticas sociais, do contrário, tendo no homem o sujeito das falas, e a mulher seu objeto, corre-se o risco de fazer um retrato fora de foco do segmento feminino (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

Então, o poder exercido pelas mulheres dava-se no campo do informal, na relação íntima com aquele que oficialmente detinha poder - o homem.

Dener (2010), defende que em base criaram-se discursos para construir nas mulheres a representação de “rainha do lar”.

Para corroborar e justificar esse pensamento da mulher como *rainha do lar*, várias teses defendidas na segunda metade do século XIX e início do século passado, indicaram a missão sagrada da mulher: a sua vocação natural para a procriação. Tal discurso terá como base a questão moral, fundando um novo modelo normativo de feminilidade e, também, a instauração de um imaginário de família, ambos voltados para a intimidade do lar. (DENER, 2010, p. 6).

Alguns desses discursos, foram os discursos de médicos que ao coroar a mulher no século XIX, como a rainha do lar, indicava que ela nascia com a vocação da procriação, esse discurso era feito para que a mulher ficasse dentro de casa, no entanto,

O alvo desse discurso eram as mulheres de famílias abastadas, possuidoras de escravas que ocupavam a função de amas-de-leite. O argumento contra o *aleitamento mercenário* era a elevada taxa de mortalidade infantil. Os médicos criticavam asperamente o comportamento das mães de todas as classes sociais que não amamentavam seus filhos. (DENER, 2010, p. 7).

Badinter (1985) coloca em seu livro que algumas mães davam seus filhos para as amas alimentares e depois disso alguns morriam e elas tentavam se consolar dizendo para si mesmo que era a vontade de Deus, não se importando nem um pouco com eles.

Juntamente com a campanha para que a amamentação fosse realizada pelas mães biológicas:

O médico alerta ainda para o perigo do espartilho que muitas vezes *impede a circulação sanguínea e entrada de ar nos pulmões*. Da mesma forma, o vinagre também era um elemento condenável pelo estudioso, considerado como perigoso para a lactação. Muito utilizado pelas moças gordas *com intuito de se tornarem esbeltas*, o uso excessivo poderia causar irritação nos mamilos e em todo tecido gástrico. (DENER, 2010, p. 8).

A partir do século XIX, no Brasil, os médicos higienistas investiram em modificar alguns hábitos de algumas mulheres da elite, que entendiam a maternidade como algo que lhe estragava a estética e que por esse motivo, as mulheres ricas principalmente possuíam amas-de-leite que eram suas escravas e usada para amamentavam seus filhos.

Segundo Badinter (1985), os médicos higienistas queriam mudar os hábitos das mulheres, eles afirmavam que era importante esse contato de mãe para filho através da amamentação, para eles não deveria existir a prática da amamentação mercenária.

“Um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta”. (RAGO, 1997). Para as mulheres ricas, ocorreram mudanças no seu comportamento, onde passam a ter papéis na sociedade e preocupações com o casamento, estética, casa e colégio dos filhos e para as mulheres pobres, seus papéis são de trabalhadoras nas fábricas, escritórios, comércio, casas elegantes e na companhia telefônica. Com isso;

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho. (RAGO, 1997, p. 62).

Segundo Dener (2010), a maior parte da educação das mulheres, era destinada a dança e também a habilidades como tocar piano, dominar línguas estrangeiras e saber se comportar. Por isso;

O fato é que a educação feminina não era feita com profundidade, até mesmo no ensino de línguas. Cabia à mulher apenas ter acesso ao conhecimento básico e necessário. Nas famílias mais abastadas, havia a contratação de um preceptor para acompanhar a educação das meninas, normalmente alemãs, francesas ou inglesas. (DENER, 2010, p. 4).

Na educação feminina, por mais que as mulheres tivessem esse aprendizado, não era igualada a dos homens, era ensinado a elas apenas o necessário para cuidar dos filhos e da casa se tornar professora.

Parafraseando Dener (2010), posso perceber que as mulheres ricas tinham uma educação diferente das mulheres pobres, as ricas podiam freqüentar as escolas, já as pobres a educação era dada em casa.

Assim sendo, os estudos apontam que os romances clássicos brasileiros funcionaram como material pedagógico para indicar a forma como a mulher “correta”, educada e de família deveria se portar. Deste modo, os clássicos da literatura do século XIX, também se tornaram o veículo pelo qual os autores reafirmavam sua visão de mundo e sociedade ideais: a mulher educada e guardiã da família. (DENER, 2010, p. 5).

Os romances (literatura) eram usados como um manual que ensinava como deviam se tornar uma mulher de família, correta e educada ela deveria também saber se comportar.

Enquanto que as mulheres pobres do século XIX, tinham que manter com sua força de trabalho seu sustento e de sua família, mesmo assim, ainda eram vistas como mulheres submissas. Pois;

[...] Estas mulheres, em grande parte, eram mães solteiras que viviam sozinhas, concubinas que mantinham com a força de seu trabalho suas famílias, ou, então, mulheres que conseguiam dividir as responsabilidades de criação e manutenção dos filhos com seus homens. Eram doceiras,

engomadeiras, lavadeiras, prostitutas, costureiras, que andavam pelas ruas sobrevivendo do comércio ambulante, livres, sem serem importunadas, o que era praticamente impensável para as mulheres de classes mais abastadas. (DENER, 2010, p. 2).

Pode-se afirmar então, que as mudanças ocorridas, nesse período, dependiam da classe social.

Dener (2010) coloca em seu texto que a mulher passa a controlar e cuidar de cada detalhe da vida de seu marido e filho, enfim ela passou a cuidar do cotidiano da família. Mas;

Embora fosse exigida a participação feminina no espaço público, o movimento operário aparece como um obstáculo à circulação da mulher na esfera do trabalho. A todo instante pregava-se à manutenção de um ideal feminino da mãe – sempre *vigilante do lar*. Este modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada implicava numa desvalorização profissional, política e intelectual. Tal desvalorização partia do pressuposto de que a mulher só deveria se realizar através do sucesso do marido e dos filhos. (DENER, 2010, p. 6).

Mesmo a sociedade, precisando do trabalho da mulher, muitos homens principalmente os operários, achavam injusto elas estarem trabalhando junto deles, para eles as mulheres só deveriam alcançar o sucesso através dos homens.

Nesse sentido estamos diante da categoria gênero, que se dá na relação entre homens e mulheres, de acordo com Silva:

[...] o gênero [é utilizado] como base para a análise da relação entre as mulheres e os homens, pois acreditamos que “nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado” (SILVA, 2010 apud NEUMA, 1997, p. 101).

Em se tratando dessa relação entre os gêneros é importante destacar alguns pontos acerca da educação das mulheres no século XIX.

Os modelos de comportamento e educação, colocados no século XIX, vem da corte do Rio de Janeiro. Era a partir da corte que as pessoas aprendiam os hábitos de portar-se a mesa e também cumprimentar, cortejar, beber, vestir-se, dançar e falar em público.

“A educação das mulheres, na segunda metade do século XIX, exigia que ela fosse mãe e mestra ao mesmo tempo.” (SILVA, 2010, p. 2). Reforça-se desta forma que;

Na segunda metade do século XIX o comportamento dos ludovicenses² tornou-se mais refinado. As atitudes consideradas “grosseiras” foram sendo substituídas pela etiqueta francesa, ficando proibido fazer vozeiras, alaridos e dar gritos nas ruas sem ser para pedir socorro, além disso, era proibido insultar com palavras ou ações qualquer pessoa, caso contrário haveria o pagamento de multa ou até prisão. Também era proibido andar embriagado pelas ruas da cidade. (SILVA, 2010, p. 4).

A sociedade francesa se apresentava como modelo no Brasil. Para tanto, foram deixados para trás os costumes considerados “grosseiros” substituídos pela etiqueta francesa.

A imagem das mulheres apresentadas nos jornais da época era de seres amáveis, frágeis, inferiores e submissas, sendo essas características consideradas “naturais” ao sexo feminino.

A diferença entre o homem e a mulher, estava principalmente relacionada ao positivismo³, essa corrente de pensamento via as mulheres como uma criança que precisava dos cuidados do pai, colocando-a assim como um ser que não sabe se defender sozinho, assim:

Todas essas características eram balizadas pelas análises filosóficas, tais como o positivismo, e científicas da época. Muitos estudos científicos do século XIX afirmavam a inferioridade da mulher, comparando-a com uma criança que deveria estar sempre aos cuidados de um pai, marido ou irmão. Tudo isso levava mais ainda à submissão da mulher perante o homem, disfarçada pela veneração a mulher sexo frágil, doce, enfim, ao “belo sexo”. (SILVA, 2010, p. 6).

“O homem, no entanto, era considerado a cabeça, a razão, e a mulher, o coração, a emoção.” (SILVA, 2010, p. 7). O espaço da mulher era o lar, seu papel era parir e criar filhos, sem liberdade de exercer sua sexualidade, vivendo sempre a sombra do marido. Já o homem tinha total liberdade, representando a ciência, a força, continuando dessa forma o poder patriarcal da sociedade.

Já na segunda metade do século XIX, as transformações que ocorreram possibilitaram as mulheres ricas de freqüentar a sociedade e ter contato com a vida pública, mas para isso ela precisava ser educada, ter comportamento e roupa de uma verdadeira dama, desse modo:

2 Pessoas que pertencem ou são relativas a São Luís (MA).

3 Linha teórica da sociologia, criada pelo francês Auguste Comte (1798-1857), que começou a atribuir fatores humanos nas explicações dos diversos assuntos.

Para freqüentar esses saraus, jantares, bailes e, até mesmo as missas, as moças tinham que saber de que forma iriam portar-se à mesa, sentar-se, vestir-se e dançar adequadamente nestas ocasiões. Para isso, a educação dessas mulheres era essencial, pois para freqüentarem esses novos espaços de sociabilidade teriam que ter um mínimo de instrução escolar, além das chamadas prendas sociais que poderiam ser obtidas tanto no espaço doméstico como no escolar. Sendo a “educação um complemento da formação feminina, isto é, uma espécie de acréscimo aos dotes e prendas já adquiridos pela mulher”. Pois além de bordar, cozinhar e comandar a casa a mulher teria também que entender, mesmo que de forma superficial, de história, aritmética, geografia e francês, língua que estava em voga no século XIX, por conta do sucesso de Paris como disseminadora da elegância. (SILVA, 2010, p. 8 e 9).

“Compondo o universo das boas maneiras, nas escolas femininas, as moças ricas participam das refeições, banquetes, onde elas pudessem aprender as boas maneiras de portarem-se à mesa.” (SILVA, 2010, p. 9).

Pode-se inferir que as mulheres, no decorrer de suas vidas foram marcadas por regras, controle e disciplina, desde a infância até o momento em que elas se tornavam mães, assim:

Na infância a mulher era moldada tanto pela família quanto pela escola, esta última em menor proporção devido ao pequeno número de mulheres nas escolas, onde trataria de assimilar os tais comportamentos femininos e suas atribuições enquanto filha, esposa e finalmente mãe. Quando casada deveria ser prendada e dotada de um comportamento fino e doce, tornando-se um bibelô a quem o marido poderia exhibir a sociedade. Na maternidade, fase sagrada da mulher em que era comparada a Maria, mãe de Jesus, tinha a obrigação de passar a melhor educação aos filhos, tanto à educação moral quanto a espiritual. (SILVA, 2010, p. 11).

Segundo Ferreira e Boschetti (2010), a emergência da família moderna, fez com que as mulheres começassem a cumprir papéis, participar de atividades que antes eram somente os homens que ocupavam. Elas passaram a cuidar da educação dos filhos, sair para as ruas, praças, teatros e até participar em atividades esportivas, assim:

[...] De modo adverso ao habitualmente conhecido, a mulher passou a participar de movimentos sociais e políticos, solicitando direitos, questionando sua posição na sociedade e reivindicando a inserção na esfera pública, até então reservada ao domínio masculino. (FERREIRA; BOSCHETTI, 2010, p. 5).

Segundo ainda os mesmos autores, a educação passou a exercer na vida das mulheres o papel de um passaporte para participar da vida pública e também do mercado de trabalho.

No final do século XIX, começam a aparecer as feministas na imprensa feminina, o que interfere diretamente na construção de uma “mulher moderna”. Ferreira e Boschetti (2010), ao discutir um dos estudos de Rago (1991), afirmam:

Analisando a imprensa feminina por meio de Rago (1991) é possível perceber logo nas primeiras décadas do século XX, o papel por ela desempenhado na elaboração de uma nova subjetividade para a mulher moderna, instruída pela educação, com projeção nos vários âmbitos da vida social, em oposição à figura da mulher ociosa, ignorante, submissa e alheia ao mundo. (FERREIRA; BOSCHETTI, 2010, p. 5).

A imprensa feminina nesse sentido, colaborou para a construção da “mulher moderna”, instruída pela educação e não mais aquela que era considerada ignorante e submissa para a sociedade.

O jornal “O Operário”, também possibilitou as mulheres escreverem seus artigos e dessa forma, ocuparam espaços na transformação social:

Em sua grande maioria constituída de analfabetas, a população feminina sofria de todas as restrições de uma ordem social discriminatória e enfrentava toda a precariedade imposta pela condição financeira. Aos poucos, porém, nela fazia emergir uma mulher que inicialmente de forma tímida, ia abandonando a atitude passiva e passava a agir contra a ordem econômico-social vigente. Participando do movimento operário, exigindo melhores condições de vida, educação e, muitas vezes, escrevendo nos jornais operários, o comportamento dessas mulheres vinha por esclarecer e incentivar as demais a aderir e colaborar com as transformações daquele momento histórico. (FERREIRA; BOSCHETTI, 2010, p. 7 e 8).

Mesmo tendo conseguido alguns papéis na sociedade, a grande maioria das mulheres que trabalhavam como operárias eram analfabetas e sofriam discriminação, com isso algumas delas ficavam tímidas perante a sociedade, mas por outro lado havia aquelas que não se intimidavam e participavam de movimentos operários para exigir melhores condições de vida e educação.

De acordo com Ferreira e Boschetti (2010), a mulher estava presente em várias atividades, como: no trabalho fabril, no sustento da casa, na militância política e também participando de jornais operários. Uma das mulheres que se destacou nos jornais operários foi Elvira que defendia algumas idéias como:

A mulher e a mãe ideais seriam, pois, as mulheres anarquistas, que teriam consciência da missão social de educar os filhos e incentivar os companheiros para a formação de uma sociedade futura, mais justa. A autora, embora defendendo o amor e a paixão como condições para escolha dos companheiros, fato que caminhava na contramão dos bons

costumes da época, aceitava e enaltecia o papel da mulher enquanto mãe, também reconhecido pela sociedade burguesa e pela religião. Entretanto, sua concepção de mulher/mãe como formadora de uma nova humanidade era diferenciada da concepção burguesa e se aproximava da ideologia anarquista. (FERREIRA; BOSCHETTI, 2010, p. 9).

Outras reivindicações e bandeiras foram a defesa da educação feminina e a emancipação da mulher. (FERREIRA E BOSCHETTI, 2010).

A educação foi uma das formas que mais contribuiu para a emancipação da mulher, nela a mulher passou a aprender uma profissão, a ser uma nova mãe, ou seja, uma mulher moderna.

Percebe-se então que durante o século XX, houve duas marcas importantes na condição feminina: a educação formal e a informal. A formal foi através da escolarização e dos direitos das mulheres e a informal foi ter que conciliar os trabalhos da casa com os trabalhos fora dela. E que esse século preparou para as conquistas que se concretizaram no século XX, século de nascimento de Pagu.

2.2 A mulher no século XX

Segundo Eric Hobsbawm (1995), o século XX significou um século de mudanças, catástrofes, incertezas e crises em várias partes do mundo, foi também um século de muitas novidades, como: revoluções, guerras étnicas e separatistas, a reposição selvagem da desigualdade contemporânea e a precariedade dos sistemas políticos transnacionais.

Uma das transformações foi com relação aos espaços que as mulheres passaram a ocupar, a partir de sua inserção no mercado de trabalho.

No que diz respeito a divisão sexual do trabalho, Rago (1997), fala que, enquanto a mulher cuidava apenas do lar, se preservava a valorização da força de trabalho masculina. Eles não aceitavam que podiam ser substituídos pelas mulheres; um exemplo disso é um tecelão que se revolta numa assembléia de operários de São Paulo, ele diz:

[...] nós não devemos ensinar (o trabalho) a essas mulheres que amanhã nos virão a substituir , mas devemos fazer-lhes compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos [...]; oxalá que elas saibam

compreender seu papel de educadoras daqueles que amanhã serão os nossos substitutos na luta do pão e na conquista do bem-estar da humanidade, pois, assim, demonstrarão à sociedade serem as verdadeiras rainhas do lar; o papel de uma mãe não consiste em abandonar seus filhos em casa e ir para a fábrica trabalhar, pois tal abandono origina muitas vezes conseqüências lamentáveis, quando melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar. (RAGO, 1997, p. 69).

Segundo Rago (1997), quando a mulher conquista seu espaço na sociedade, passa a ser a maioria nas fábricas e comércios, os homens com isso criam táticas para bani-las fazendo com que elas trabalhem somente em casa, as táticas usadas por eles são: o não cumprimento dos regulamentos das fábricas, onde é necessário um maior número de mulheres, elas eram proibidas de estudar e fazer um curso profissionalizante, pois para os homens elas deveriam só cuidar do lar.

Em um debate realizado em 1919 por vários deputados na Câmara Municipal de Petrópolis sobre as condições do trabalho industrial das mulheres, eles se colocam contra o trabalho das mulheres na fábrica, em defesa da moralidade familiar, assim:

Somos todos concordes em considerar que o trabalho é o aviltamento e a escravidão da mulher, porque é o fim da solidariedade conjugal, da família. O verdadeiro reino da mulher é o lar. Se ela o abandona, se ela não sabe aí servir ao homem e aos filhos, acabou-se o seu poder, foi-se a sua influência. (RAGO, 1997 apud MOURA, 1997, p. 69).

As mulheres, não aceitavam as condições expostas pelos homens e lutaram por seus direitos. Então, em 1919, o código Sanitário as proíbe de trabalharem em horários noturnos e em 1923 o Regulamento Nacional de Saúde Pública, facilita a licença-maternidade, sendo que assim elas podiam pegar trinta dias antes e após o parto, e depois que voltavam a trabalhar nas fábricas, e propunham a criação de lugares nos locais de trabalho para amamentarem seus filhos. (RAGO, 1997, p. 69).

As mulheres, percebendo que os homens não estavam cumprindo o seu papel, principalmente os patrões de fábricas, começaram a fazer greves e movimentos lutando para conseguir melhores salários e não serem mais maltratadas, conseguindo confrontar os homens em suas decisões criando uma resistência feminina.

Rago (1998), diz que as mulheres não vivem isoladas, então elas tem que participar da sociedade, principalmente no trabalho, ao lado dos homens.

[...] o feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera. (RAGO, 1998, p. 23).

Rago (1998) destaca dois pontos principais: a participação do feminismo na crítica cultural, teórica e epistemológica e as propostas que eles apresentam em forma de conceber a produção do conhecimento. Por tanto;

[...] da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental. (RAGO, 1998, p. 25).

Os trabalhos feitos pelos homens eram e ainda são mais valorizados do que o das mulheres, com isso cria-se uma “barreira” em relação às mulheres e também de certo modo a excluem da sociedade.

“As mulheres não devem ser pensadas como uma essência biológica pré-determinada, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais.” (RAGO, 1997, p. 27).

Pagu consegue quebrar a “barreira”, quando diz que mulheres não podem participar da sociedade, ela foi, por muito tempo, criticada pela sociedade masculina, mas desafiou esse preconceito e ajudou as mulheres a conquistarem seu espaço na sociedade.

A partir do momento que a condição das mulheres foi colocada em debate, repercutiu em saberes acerca deles e essa incorporação;

[...] não se deu sem maiores complicações, porque a entrada dos temas feministas em campos epistemológicos masculinos provocou muitas desestabilizações, e mesmo rupturas, a despeito das muitas permanências. (RAGO, 1998, p. 30).

A discussão do gênero provocou uma desestabilização nos homens e em sua masculinidade, pois a partir desse momento eles começam a perceber a importância que a mulher tem em relação à sociedade.

“Assim mulheres construíram linguagens novas, criando seus argumentos a partir de suas próprias “premissas”.” (RAGO cit SHOWALTER). No século XX as

mulheres conseguiram vencer alguns preconceitos e criaram outros lugares para si na sociedade, lugares diferentes do que se tinham no passado.

As mulheres entram no espaço público e nos espaços de saber, transformando inevitavelmente estes campos, recolocando as questões, questionando, colocando novas questões, transformando radicalmente. (RAGO, 1998, p. 31).

No que diz respeito ao erotismo, eis outro tema que teve e tem, as mulheres, como alvo de debates, principalmente o tema prostituição. Segundo o médico F. Ferraz de Macedo as principais causas que favorecem a prostituição pública é a miséria financeira, que leva a mulher a buscar recursos próprios fora do lar, o desprezo pela religião e a falta de educação moral. (RAGO, 1997, p. 86)

No entanto, desafiando o saber médico Rago enfatiza:

Evidentemente, a mulher pobre que se prostitui é associada à imagem da criança ou do selvagem que necessita dos cuidados do Estado e das classes dominantes na condução de sua vida. Imatura ela é uma pessoa desorientada que se perdeu na vida e que precisa dos socorros dos especialistas para reencontrar o bom caminho e reintegrar-se na sociedade. (RAGO, 1997, p. 87)

A maioria das prostitutas eram mulheres pobres que utilizavam a prostituição uma forma de trabalho. Porém para o estado e para a classe rica essas mulheres, exerciam uma vida vulgar.

A questão da vida sexual das mulheres tem sido ao longo da história vista como algo que devia ser controlado, pois, o contrário, algumas mulheres eram ridicularizadas com termos pejorativos, dentre eles a de prostituta⁴.

Desvinculada da profissão prostituta, muitas mulheres foram acusadas de “putas” por viverem livremente sua sexualidade. Afinal a sociedade moralista ensinava as meninas a se guardarem para o casamento, sendo a virgindade considerada a maior virtude das mulheres.

Um dos desafios que Pagu trouxe para o século XX em relação às mulheres foi o seu conceito de sexualidade quando afirma nas páginas de seu diário, publicada por seu filho Geraldo Ferraz (2005):

Não tive precocidade sexual. Praticamente, só fui sexualmente desperta depois do nascimento de Rudá. E não foi por precocidade mental que

4 Mulher que se entrega a prostituição; meretriz, rameira, puta.

entreguei meu corpo aos doze anos incompletos. Se existia revolta contra as coisas estabelecidas, eu nem pensava nisso. E, no entanto, sabia que agia contra todas as normas e duplamente, pois não era livre o homem que me possuiu. Tinha plena consciência de todas as conseqüências que eu poderia ser obrigada a enfrentar. E não havia amor na entrega. Tudo se passou sem o menor preparo. A predestinação dos impulsos. Ou a obediência à minha vontade determinante. Vontade que aparecia assim à toa. (GALVÃO, ANO apud FERRAZ, p. 53).

Sua primeira gravidez foi interrompida, pois ela não sabia dos cuidados que se tinha que ter durante a gestação. Num dia de calor, foi tomar banho no rio Pinheiros, a correnteza era forte e começou a sentir dores fortes, pedia socorro, mas ninguém a ajudou, quando conseguiu sair da água foi direto para maternidade.

Um dia, eu matei a criancinha. Eu nada sabia dos cuidados que meu estado exigia. Eu ansiava por movimento e naquela tarde eu me atirei no rio Pinheiros. A correnteza era muito forte. Eu não conseguia alcançar mais a margem. Uma hora de luta com as águas. A Lurdes pediu socorro. Os homens da balsa não quiseram prestar auxílio, porque o rio ali era perigoso. Quando consegui sair do rio, já noite, todo mal estava feito. Ainda a caminhada até em casa, as dores, a roupa molhada. Fui para a maternidade. Todos os brinquedos que já havia comprado. O cadaverzinho. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 61).

Pagu foi uma das mulheres que se destacaram na história, pois teve uma vida, que poucas mulheres tiveram coragem de enfrentar, ela mostrou que as mulheres também têm que exercer todos os direitos iguais dos homens.

A vida de Pagu tem sido apresentada em várias formas: livros, minissérie na TV globo, música e biografias, essas formas são construções realizadas por autores que buscam explicar verdades históricas utilizando como personagem a figura de Patrícia Galvão. A seguir apresento um pouco de sua vida com base nos documentos acima citados.

A mulher ao longo do tempo veio conquistando espaços que antes só os homens ocupavam, Pagu é um exemplo dessas mulheres, pois com sua coragem conseguiu chegar aonde poucas mulheres tinha chegado antes.

3 PAGU UMA MULHER DO SEU TEMPO: UM ESTUDO BIOGRÁFICO

Segundo o autor Geraldo Galvão Ferraz (2005), Pagu, foi uma mulher de visão romântica, embora maltratada pela vida, tinha sede de amor e de justiça, mas foi prejudicada por escolhas equivocadas e como qualquer pessoa teve seus momentos bons.

Pagu, foi jornalista e escritora, começou a se destacar em 1929, quando tinha apenas 18 anos, quando freqüentava o Movimento de Antropofagia liderado por Oswald de Andrade⁵ e trabalhava como colaboradora na segunda fase do movimento.

O movimento antropofágico tinha como principal objetivo formar um modelo de sociedade livre e igualitária; ou seja voltar ao passado onde não existia propriedades privadas, esse movimento liderado por Oswald de Andrade era uma resposta a semana de arte moderna de 1922. Para ele a renovação da arte nasceria a partir da retomada dos valores indígenas, da liberação do instinto e da valorização da inocência.

Patrícia Galvão recebeu o apelido de Pagu, por Raul Bopp, pois ele pensava que seu nome fosse Patrícia Goulart.

Pagu lutava para que a sociedade pudesse mudar principalmente a vida dos pobres e pelos direitos das mulheres.

Após escrever sua coluna “A Mulher do Povo”, no jornal “O Homem do Povo”, na sua fase comunista, Pagu começa a se dedicar as lutas feministas, onde ela vinculava as reivindicações feministas a uma postura transformadora, como o direito de votar e a maternidade consciente.

3.1 A infância de Pagu

Como já foi mencionado, Pagu nasceu em nove de junho de 1910 em São João da Boa Vista, cidade próxima a capital São Paulo, mudando com sua família aos dois anos de idade para a capital, onde morou nos bairros da Liberdade, Brás, Aclimação, Bela Vista e em uma chácara no município de Santo Amaro.

Segundo Geraldo Ferraz (2005), durante sua infância Pagu foi uma criança muito diferente das outras, pois tinha uma capacidade de perceber e

⁵ Poeta, romancista e dramaturgo.

desenvolver as coisas, que não se encontrava em outra criança, ela era muito avançada para seu tempo, nenhuma mãe deixava suas filhas terem contato com Pagu.

[...] naquele tempo eu é que não compreendia o ambiente. Eu me lembro que me considerava muito boa e todos me achavam ruim. As mães das outras crianças não queriam que eu brincasse com suas filhas e fui expulsa até um dia da casa do Álvaro George, da livraria, porque não queriam que eu tivesse contato com as suas crianças. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 53).

Por não ser compreendida, ela passou a maior parte de sua infância sozinha, pois, para ela não estava fazendo nada de errado, mas para as pessoas mais velhas, como por exemplo, as mães das crianças, ela era considerada uma ameaça.

Por ter um comportamento diferente das outras crianças, principalmente ligado aos namorados, incomodava seus pais, que sofriam muito com esse comportamento. (FERRAZ, 2005, p. 54).

Durante todo o tempo que convivi com os meus, fui tratada por meus pais e meus irmãos mais velhos como é tratada a maioria das crianças. Eu não tive infância. Uma vez, você mesmo, Geraldo, falou na minha infância tranqüila. Eu sempre fui, sim, uma mulher-criança. Mas mulher. E, ao contrário das outras, não me revoltava o trato infantil. Dissimulava minhas idéias formadas. Eu procurava parecer criança. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 57).

O fato de Pagu ter dito que não teve infância, significa que ela ao escrever esse texto, na idade adulta, compreendia o conceito de infância da época, que dizia respeito a pensar essa fase da vida como um tempo de ingenuidade e inocência, o que parece não ter tido mais a partir de certa idade, ela se via mulher-criança, ou seja, com um corpo infantil e com uma maturidade de mulher.

3.2 Pagu: a normalista

Uma experiência peculiar da vida da artista foi o fato de ter estudado para ser professora, algo que ocorria nas famílias de poder aquisitivo melhor, educar as moças para serem professoras.

Eram chamadas de normalistas, as mulheres que faziam o curso Normal, em escolas que ficaram conhecidas como Escola Normal. Para ingressar nessa escola, era exigido um teste de admissão, nessa era colocada algumas questões de português, geografia, aritmética e história. (FIGUEIRÔA, 2010, p. 6).

Obrigatórios por lei federal, os exames de admissão a esse nível de ensino haviam configurado uma barreira difícil de ser ultrapassada pela grande massa dos alunos de vinham do ensino primário. Esses exames eram elaborados pelas próprias escolas com extremo rigor. Servia assim para limitar a participação popular à própria escola. (FIGUEIRÔA, 2010, p. 6).

No início, as escolas normalistas eram frequentadas apenas pelos homens, só a partir do século XX, as mulheres começam a frequentar.

Por conta dos baixos salários e da aceleração industrial no Brasil, os homens foram deixando de frequentar as Escolas Normais, com isso as mulheres passaram a ser a maioria das alunas, tornando-se assim uma escola para mulheres.

Porém sabemos que a busca da profissionalização está atrelada a diversos fatores, desde ao modismo da época, até a própria vocação. Nesta época era status ter uma filha fazendo o curso normal, pois o mesmo, não só preparava para uma profissão como também para o casamento, ou seja, servia também para a organização do lar, os bons costumes e a educação dos filhos. (FIGUEIRÔA, 2010, p. 9).

Ter uma filha frequentando a Escola Normal era sinônimo de que aquela moça ia ser bem vista pela sociedade¹⁰, pois era ali nessa escola que as moças aprendiam uma profissão, se preparavam para o casamento, teriam bons costumes e saberiam educar seus filhos.

Segundo Figueirôa (2010), o uniforme das normalistas era blusa branca e saia azul-marinho plissada e elas eram vistas como “puras”, pois séculos atrás, as mulheres eram intangíveis até o casamento e moças que estudavam na Escola Normal tinham que se comportar de uma forma, onde não poderiam mostrar algumas partes do corpo, pois do contrário iriam violar os bons costumes.

A magia que os uniformes das Normalistas traziam, não podia passar despercebida neste trabalho, onde tivemos um passado tido como esplendoroso, a aparência do uniforme das normalistas fazia com que a aluna fosse verdadeiramente notável pela sociedade, como uma moça de família, de bons costumes e de boa educação, imprimindo o respeito e a simbologia de uma mulher disciplinada e pronta para o casamento. (FIGUEIRÔA, 2010, p. 9).

“O corpo também era uma questão a ser preservada” (FIGUEIRÔA, 2010). Para a autora, era através dele que era representado o orgânico e o moral, as normalistas tinham que exercitá-lo para que não contraíssem nenhuma doença.

Ser corpo além dos aspectos físicos e emocionais é romper com a ciência clássica, alicerçada na cisão corpo/mente e mergulhar com radicalidade no mundo vivido da unidade corporal, repleto de experiências e desejo. (FIGUEIRÔA, 2010, p.12.)

A autora define então, que o corpo representava desejos e experiências que as normalistas queriam experimentar. Figueirôa (2010) coloca em seu texto a questão da corporeidade, que é um estilo de vida na busca da superação, esse estilo era praticado, pelas normalistas, através das aulas de Educação Física. Assim:

Por essas e por outras razões é que a Educação Física, é fundamental no currículo da educação básica, pois não só visa o desempenho físico para benefícios da saúde e da higiene, visa à totalidade das pessoas, tornando-as mais produtivas corporalmente e intelectualmente, para o desenvolvimento da sociedade, porém na metade do século XX, a concepção de corporeidade e de movimento era a de destacar os habilidosos, para ajudar nas aulas de Educação Física, ou seja, já se demonstrava o processo seletivo e discriminatório na década de 1950. (FIGUEIRÔA, 2010, p.13).

“As roupas usadas pelas normalistas para praticar a Educação Física era, calção azul-marinho acima do joelho, camisa branca de manga e tênis branco ou azul marinho, essa roupa deixava o corpo livre, nas sem perder a silhueta.” (FIGUEIRÔA, 2010, p.13).

Pagu foi aluna do colégio Caetano de Campos, um colégio normalista, logo ela teve uma formação profissional para ser professora, ela se diferenciava das mulheres da sua época, foi também; escritora, jornalista, poetisa, desenhista e organizadora de eventos culturais.

“Durante o tempo que foi normalista, Pagu ia para escola de blusa branca, saia azul com a cabeleira solta sobre os ombros e com um batom escuro que destacava sua palidez, era o tipo de estudante que todos os garotos gostavam de ver.” (CAMPOS, 1982 apud FERRAZ, 1982, p. 261).

“Ao sair do colégio normal, Pagu aos 18 anos conhece os modernistas Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, os mesmos a convidam a fazer parte do movimento de antropofagia.” (CAMPOS, 1982, p. 18).

A experiência de Normalista pode tê-la colocado em contato com a literatura da época, a convivência com os modernistas a levaram para além dos ideais modernistas que foi o movimento comunista.

3.3 Pagu na intimidade: amor e maternidade

Para melhor explicitar a vida “adulta” de Pagu, dividi em duas partes: sua vida íntima, que diz respeito à forma como viveu os dois casamentos e a maternidade; e sua vida pública, que diz respeito a sua militância política, sua participação no movimento comunista.

Casamento e maternidade como vimos no capítulo anterior são questões da vida das mulheres há muitos séculos. Difícil, no entanto separar a vida íntima de Pagu com sua vida pública, embora na maioria das vezes tenha que se falar de um tema e outro, tentar-se-á identificar, nesse tópico, como Pagu vivenciou o casamento e a maternidade.

Seu primeiro casamento foi com o escritor modernista Oswald de Andrade (1890-1954). Conheceram-se quando Oswald leu algumas coisas de Pagu, que lhe foram mostradas por Fernandinho Mendes⁶, onde teve curiosidade de conhecê-la.

Segundo Geraldo Galvão Ferraz (2005), na época em que Oswald e Pagu se conheceram, ele era casado com Tarsila de Amaral. Algum tempo depois o mesmo se separa de Tarsila para viver ao lado de Pagu.

[...] Havia deixado Tarsila. Queria viver comigo. É difícil procurar a razão das coisas, quando há vacilação. Tanta vacilação em viver. Opus resistência à união com Oswald, mas pouca. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 60).

No mesmo tempo em que Oswald se separa de Tarsila para ficar com ela, ela estava trabalhando na Bahia e ao receber o telegrama de Oswald pedindo para que retornasse para o Rio de Janeiro, fica assustada e quando ele conta da separação e diz que quer viver com ela, em primeiro momento ela rejeita, mas depois acaba aceitando.

6 Amigo de Oswald de Andrade.

“Em sua vida, como esposa de Oswald de Andrade, tiveram uma espécie de “casamento aberto”, esse período para ela foi muito conturbado”. (FERRAZ, 2005, p. 59).

Quando estava casada com Oswald sofreu um “choque”, quando o mesmo falou a ela que teria uma aventura sexual com outra mulher só para descobrir se ela era virgem ou não. Assim:

Ocultei o choque tremendo que essas palavras produziram. Tínhamos decidido pela liberdade absoluta pautando nossa vida. Era preciso que eu soubesse respeitar essa liberdade. Sentia o meu carinho atacado violentamente, mas havia a imensa gratidão pela brutalidade da franqueza. Ainda hoje o meu agradecimento vai para o homem que nunca me ofendeu com a piedade. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, p. 63).

Do casamento com Oswald de Andrade teve seu primeiro filho, Rudá de Andrade, e sua primeira fase da maternidade foi muito prazerosa apesar de descobrir um pouco antes de ganhar seu filho que Oswald não a amava.

Ela passa ter mais responsabilidade, quando seu filho Rudá de Andrade nasce, a vida para ela passa a ter mais sentido tinha medo de que seu filho viesse a sofrer. Deste modo:

Mas quando Rudá nasce, havia o conceito de responsabilidade. Como se fosse possível plasmar uma vida com nossa vontade. Essa sabedoria não está na condição humana... Eu adoro as avencas. Toda avenca morre nas minhas mãos... E a avenca medra sozinha e maravilhosamente, sem nenhuma técnica de cultura.a educação que recebi nada significou para mim. Se crescesse só, apenas não existiria o choque nas paredes profundas de incompreensão entre mim e minha família. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 65).

Nesse sentido, percebe a importância de ser mãe quando seu primeiro filho tem dois meses, ficou noites acordadas quando ele estava com febre, quando não queria dormir e sente muito a falta dele quando tinha que ir para outra cidade por conta de seu trabalho no Socorro Vermelho que era do partido comunista.

Segundo Ferraz (2005), ela decidiu sair de seu casamento, quando passa a perceber que Oswald não a amava mais e começou a insultá-la. A partir desse momento sente nojo e ódio por ele e não suportou mais viver ao lado dele.

[...] Oswald mostrou-se demais. E tive-lhe nojo. Nojo e ódio pela decepção que me feria. Senti o ato sexual repousado numa repugnância eterna. Nunca mais poderia suportar Oswald e julguei nunca mais poder suportar o contato masculino. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 68).

Outro fator que contribuiu para a separação de Oswald e Pagu foi às viagens que ela tinha que fazer.

Seu segundo casamento foi com o jornalista Geraldo Ferraz (1905-1979), durante essa relação, Pagu passou a ter amadurecimento principalmente quando entrou para a Vanguarda Socialista.

A Vanguarda Socialista, foi criada em 31 de agosto de 1945 por um militante e crítico chamado Mário Pedrosa, era um jornal onde contava com a participação de trotskistas, do Partido Comunista e de intelectuais socialistas. Seu principal objetivo era desenvolver críticas e construir movimentos revolucionários, principalmente contra o Stalinismo na União Soviética. O jornal não tinha vínculo político e encerrou-se em 1948.

“Durante o tempo em que foi casada com Geraldo Ferraz, foi presa e seu marido, um homem muito compreensivo, buscou-a na cadeia e cuidou dela.” (FERRAZ, 2005, p. 16).

Escreveu uma carta-depoimento em 1940 para seu marido, onde ela relata toda sua vida nessa carta. Ela fala sobre sua infância mal-compreendida, as militâncias, seu casamento com Oswald de Andrade, seu relacionamento com seu primeiro filho Rudá de Andrade.

Dessa relação com Geraldo Ferraz, nasce seu segundo filho Geraldo Galvão Ferraz. Durante este mesmo tempo, ela passa a participar dos jornais “A Manhã”, “O Jornal” e “Diário de São Paulo”; escreve contos policiais; participou do Congresso de Poesia, que ocorreu em São Paulo; foi candidata a deputada estadual pela mesma cidade; freqüentou a Escola de Arte dramática e teve mais uma série de participações.

3.4 Pagu e sua vida pública: mulher e comunista

Ao sair da Escola Normal, conhece Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, dois modernistas que lutam por uma nova cultura no Brasil. Mais tarde ela conhece Geraldo Ferraz, Luís Carlos Prestes, ela se engaja no comunismo, o qual tem por objetivo lutar por melhores condições de vida pelos trabalhadores e operários e é nesses dois movimentos que Pagu vai se destacando.

O movimento modernista brasileiro foi um movimento de amplo espectro cultural, desencadeado tardiamente nos anos 1920, nele convergindo elementos das vanguardas acontecidas na Europa antes da Primeira Guerra Mundial.

No Brasil, principalmente em São Paulo, esse movimento eclodiu junto com jovens intelectuais e com artistas plásticos.

O principal objetivo do movimento modernista era buscar novas formas de artes plásticas, literatura, design e organização social, as principais pessoas que participaram desse movimento foram; Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Víctor Brecheret, Plínio Salgado, Anita Malfatti, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Heitor Villa-Lobos, Tarsila do Amaral, Tácito de Almeida, Di Cavalcanti.

Em 1928, um grupo formado por modernistas, iniciou o movimento antropofágico, no qual Pagu fazia parte. Este tinha como objetivo formar um modelo de sociedade livre e igualitária, ou seja, voltar ao passado onde não existiam propriedades privadas.

Segundo Augusto Campos (1982), Pagu comparece na comitiva de “antropófagos” que indo ao Rio de Janeiro, leva uma exposição de Tarsila do Amaral e ela leva também seus 60 poemas dedicados ao diretor da censura cinematográfica, assim os repórteres que cobriam essa comitiva, perguntaram a ela se tinha algo a publicar e a resposta foi um não. Deste modo ficava claro perceber, o poder que a censura tinha perante as pessoas.

A revolução de 1930⁷ e a crise mundial do capitalismo modificaram a estrutura econômica da sociedade brasileira, com isso Pagu e Oswald mudaram para posições de esquerda, ou seja, mudaram-se para um partido que era contra ao governo.

Juntos Oswald e Pagu montaram o jornal O Homem do Povo, com o objetivo de levar até as pessoas, o motivo da crise mundial do capitalismo e a mudança na economia. Pagu escrevia A Mulher do Povo, onde ela criticava os hábitos e valores das mulheres paulistas e tentando mostrar os direitos delas.

Em seu livro “Parque Industrial”, publicado em janeiro de 1933, com o pseudônimo de Mara Lobo, Pagu é modesta e optou por escrever sobre a vida das

7 Foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, o Golpe de 1930, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha.

“classes baixas” da capital e também sobre o comportamento do proletariado urbano feminino, criticando a sociedade burguesa. Ela fala sobre mulheres operárias e satiriza o feminino no burguês, acompanha moças pobres seduzidas com promessas de casamentos por homens ricos e também através de militantes femininas, onde mostra a necessidade de se dar uma consciência classista as mulheres dos operários, fazendo-se assim que elas participem junto com os maridos as movimentações sindicais.

Após escrever seu primeiro livro, Pagu deixa o Brasil, visada pela policia, vai para o exterior percorrendo os EUA, Japão, China, URSS, Alemanha e França, e durante esse período ela trabalha como correspondente dos jornais Correio Da Manhã, Diário de Notícias e A Noite.

Quando retornou ao Brasil em 1935, Pagu se viu num cenário político em total agito por conta da Ação Integralista e do PCB. Os antropofágicos foram atraídos por pensamentos da esquerda e a ANL se expandia sobre a presidência de Luiz Carlos Prestes, mas quando o governo ficou sabendo das propostas da ANL, mandou fechá-la e Luiz Carlos Prestes esperava que os militares se revoltassem, como isso não aconteceu, as pessoas suspeitas foram caçadas, presas e até torturadas.

Ao sair da cadeia em 1940, Pagu rompeu com o PCB e mergulhou-se numa crise existencial onde ela escreve várias crônicas diárias, entre elas estão: Primeira Página Cante Poeta, Mixigne e Algures.

Em 1945, Pagu participou com Geraldo Ferraz e Mário Pedrosa da revista Vanguarda Socialista, que tinha como objetivo golpear a política Stalinista, ela no mesmo ano com o pseudônimo de Mara Lobo, publica A Famosa Revista, seu romance que escreveu junto com Geraldo Ferraz, ao contrário do Parque Industrial que foi um livro que falava de revolução A “Famosa Revista” era um livro que falava de poesias.

Ainda em 1945, critica o modernismo e fala que a revolução de 1922 foi um movimento importante, porque a partir do mesmo libertou-se das formas “podres e mortas”, assim o movimento literário, intelectual, brasileiro dividiu-se em três correntes nítidas que são; Mário de Andrade que fica com o Partido Democrático; Oswald de Andrade fica na pesquisa do socialismo; e Plínio e seus integralistas ficam com o mussolinismo caboclo.

Na revista Vanguarda Socialista, Pagu mantém de 31/08/45 a 24/05/46 uma seção de “Crítica Literária” e que depois de três artigos passa a denominar-se “Crônica Literária”, ao todo são 24 artigos de caráter político nos quais a maior preocupação dela é a defesa da autonomia do escritor contra as tentativas de politização promovidas pela literatura de inspiração comunista.

Campos (1982), fala que Pagu fazia críticas e defesas de algumas obras, entre elas estão: “Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, livro de Jorge Amado”; “a literatura brasileira proletária, da linha da justiça”; em o “Pequeno Prefácio a um manifesto”, defende a idéia de se prestigiar a literatura, também defende “A Sementeira da Revolução”. Ela volta a fazer críticas em “o me-ufanismo mental a que não resiste os mais sérios críticos”; crítica a literatura politizada em “Influencia de uma Revolução na Literatura”, sobre o livro de poemas Mundo do Enigma de Murilo Mendes que fala de uma “literatura de guerra”; em “Linha do Determinismo Histórico Literário do Ano Novo”, analisa o estado da “nossa pobre literatura colonial-colonizada”; sobre Literatura e Revolução, Pagu coloca textos de Victor Serge, um escritor que ela adora, que fala sobre “Explicação Necessária com o Seu Que de Importante”; e para encerrar suas colaborações, ela faz uma série de quatro artigos interligados de 26/04/46 a 24/05/46 com o nome de “Descaminhamento Onde Vai Parar?”.

Em 1946 a 1948, Pagu fazia parte de uma equipe de trabalho do Diário de São Paulo, sob a coordenação de Geraldo Ferraz e durante esse período apareceu a “Antologia da Literatura estrangeira”, constituída de um estudo bibliográfico acompanhado de um texto traduzido, as traduções eram de sua autoria foram cerca de noventa trabalhos, divulgando autores modernos e seus textos, muitos dos quais com prioridade no Brasil.

Em “tempos de massas, alimentícias, moscovitas e outras”, Pagu assinava a Cor Local, onde ela escrevia críticas reclamando do ambiente literário, assim ela coloca que no Estado Novo, os escritores reclamavam da falta de liberdade e após a morte de Vargas, a desculpa que eles dão é que precisam ganhar a vida assim como os funcionários da burocracia e sonhavam em produzir Best-sellers.

No jornal Fanfulla, editado em São Paulo, Pagu publica duas séries de crônicas em 1950, a primeira é sobre política nacional e internacional datada de 16

de julho e 17 de setembro e o segundo é seção de arte e de Literatura, o último artigo saiu em 21/06/53 e falava sobre a literatura dos ex-militares.

Em 1951, Pagu lamenta o desaparecimento da literatura brasileira e deplora a ausência da poesia através de José Lins do Rego e de Raquel de Queiroz, ela também reprova o artigo “neo-realismo” brasileiro de Koellreuter.

Campos (1982) aborda que na primeira crônica “Cor Local”, Pagu destaca o perfil Oswaldiano, que tenta ressuscitar a antropofagia, revisá-la e transformá-la e o perfil de Mário, onde é um militante que realiza poesias e dedica-se a objetivos pedagógicos. Assim:

Pagu jamais vacila em declarar o que pensa de Mário e Oswald, a dupla fundamental do modernismo. Se o primeiro recuou, o segundo sonhava uma revolução estética permanente. E Pagu não perdoava as hesitações e a ambigüidade de Mário, sempre disposto a contrabalançar cada arrancada “futurista” com a homenagem a certos “mestres do passado”. (CAMPOS, 1982, p. 25 e 26).

Na década de 1950, Pagu queria fundar em Santos a Associação dos Jornalistas Profissionais, mas ao mesmo tempo ela que sempre se destacou no tempo do colégio por fazer peças teatrais curtas, formou grupos amadores de teatro e lutou pela construção do teatro municipal de Santos. Falou de Nelson Rodrigues para Plínio e quando foi para Paris, conheceu um rapaz que vivia de expediente e escrevia peças teatrais, então ela e Ferraz, acreditaram na capacidade do rapaz e trouxeram para Santos uma peça dele, que se chamava ‘Fando e Lis’, traduziram e deram ao seu grupo de teatro amador para ser representada.

3.4.1 Detalhes de sua vida como comunista

Em 1931, durante um comício em Santos, sofre as conseqüências do partido contrário, ou seja, do governo e também da polícia. No meio do discurso, a polícia invade o local e deixam muitos feridos e mortos. Prendem Pagu. Neste momento, ela se torna a primeira mulher a ser presa no Brasil. Com isso:

Patrícia Galvão sofrera, desde 1931, as conseqüências da refrega social e política em que ingressara: em agosto de 1931, aqui em Santos, num comício do Partido, na Praça Pública, é ela, à frente, quem levanta do chão, ensangüentada, a cabeça do estivador Herculano de Souza, que expira em

seu colo. É, nesse momento, a primeira mulher a ser presa no Brasil, na luta revolucionária ideológica. O casarão da Praça dos Andradas, o cárcere 3, “o pior cárcere do continente”, diria um dia o general Miguel Costa, como secretário da Segurança em São Paulo, acolhe os presos do comício de agosto de 1931, comemorativo da execução de Sacco e Vanzetti. (FERRAZ, 2005 apud CAMPOS, 1982, p. 261).

Pagu esteve em Buenos Aires, para se encontrar e conversar com Luiz Carlos Prestes. Ao chegar na cidade, foi mal recebida pela sociedade, nem um hotel aceitou hospedá-la, então procurou a casa de Prestes.

Recorri aos hotéis menores que percebi ao lado, com o mesmo resultado. A minha cara devia ser de assustar, para que, numa grande capital, os hotéis se fechassem para mim. (GALVÃO, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 72).

Na sua ida a Buenos Aires, não conseguiu falar com Prestes, pois o mesmo tinha viajado. E como Pagu não teria muito tempo ali, encontrou-se com Silo Meirelles que deu a ela, vários livros sobre marxismo.

De acordo com Ferraz (2005), Prestes veio ao Brasil com o objetivo de encontrar Pagu, onde os dois conversam sobre o comunismo e ela, então, ficou sabendo da importância de se criar um partido comunista.

Conversamos três dias e três noites, num, cafezinho fechado e deserto. Consumimos, penso que, quilos de café. Não dormíamos e consegui saber que o comunismo era coisa séria. E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim – o espírito de sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza de convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com a fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da humanidade. Disse acenou-me, apenas, porque a fé, em toda a sua extensão, só mais tarde tomou conta absoluta de minha pessoa. (Galvão, 2005 apud FERRAZ, 2005, p. 75).

Segundo Campos (1982), a palavra de ordem do partido comunista, partido no qual Pagu fazia parte, era proletarizar-se. Nessa época ela trabalhava nos jornais “Correio da Manhã”, “Diário de Notícias” e “Diário da Noite” de São Paulo e durante esse tempo realizou a viagem para China, onde presenciou a coroação do imperador Pu-Yi e entrevistou Sigmund Freud.

Augusto Campos (1982) aponta que Pagu é responsável por ter trazido a soja para o Brasil, quando ela ganhou sementes de sua viagem que fez ao Oriente e enviou alguns saquinhos para o Brasil. Assim:

A escritora Patrícia Galvão,[...], numa viagem ao Oriente, fez relações de amizade com Mme. Takahashi, [...], casada com o diretor da South Manchurian Railway (...). Com a influência de sua amiga, Pagu tinha fácil acesso ao Palácio em Hsingking. Conversava informalmente com o jovem imperador Puhy. Ambos pedalavam as bicicletas, dentro do parque amuralhado da residência imperial. Quando, numa de suas viagens a Cobe, Pagu me narrou o ambiente de familiaridade que existia em Hsingking, pedi que ela procurasse arranjar com Puhy algumas sementes selecionadas de feijão soja. (BOPP, ANO apud CAMPOS, 1982, p. 22).

Essa foi uma das viagens que ela realizou a países comunistas, a outra foi na União Soviética.

Quando chegou a Paris, filia-se no Partido Comunista usando uma identidade falsa, foi pega pelo governo de Naval e mais uma vez foi presa, só conseguiu sair da cadeia e ser mandada de volta ao Brasil com a ajuda do embaixador Souza Dantas.

Dá-se então a prisão da militante comunista estrangeira em Paris...O gabinete da Frente Popular de Leon Blum caíra, Laval assumira o governo. E ela é identificada e o embaixador Souza Dantas lança todo seu prestígio para tirá-la da “Sureté”, de onde as alternativas eram um Conselho de Guerra, ou a deportação por decreto para a fronteira da Itália ou da Alemanha. Souza Dantas, decano da diplomacia em Paris, consegue que ela seja embarcada para o Brasil. E Patrícia Galvão regressa. (FERRAZ, 2005 apud CAMPOS, 1982, p. 262).

Nesse sentido, “presa em consequência do movimento comunista de 1935, desde então até 1940, sua vida foi o cárcere”. (FERRAZ, 2005 apud CAMPOS, 1982, p. 262). Pagu, ao chegar ao Brasil, foi presa novamente, pois fazia parte do Partido Comunista, na cadeia ela permaneceu até 1940 e ao sair dela, ela resolveu se desligar do partido.

O movimento comunista de 1935 tinha como principal objetivo a reforma social e econômica como, o aumento de salário dos trabalhadores e operários, nacionalização das empresas, proteção da pequena propriedade, defesa das liberdades públicas, sob o lema “Terra, pão e liberdade”.

Durante o tempo em que esteve no Partido Comunista, Pagu fez uma série de viagens entre elas estão: Buenos Aires, China, Paris.

Em 1950, Pagu foi candidata a deputada estadual de São Paulo pelo PSB e na sua campanha eleitoral seu objetivo era atacar a direita e a esquerda stalinista, no seu panfleto eleitoral estava escrito: Verdade e Liberdade.

Em setembro de 1962, foi a Paris para ser operada de câncer, mas a cirurgia fracassa; volta ao Brasil e morre no dia 12 de dezembro em Santos, na casa dos seus pais, com a irmã e a mãe que a acompanhavam naquele momento e apenas sufocada pelo colapso que a impedia de respirar.

Em suma, essa apresentação de Pagu mostra como sua vida como mulher, escritora e artista esteve comprometida com o fim das desigualdades de gênero e sociais.

4 CONCLUSÃO

Esse TCC procurou mostrar a vida de Patrícia Galvão (Pagu), artista, jornalista, escritora e militante do Partido Comunista.

O estudo apresentou, que a sua atuação, enquanto mulher fazia parte de um contexto em que as mulheres, por meio de movimentos, alcançaram vários direitos na sociedade.

No entanto, para nós mulheres conhecer a vida intensa de Pagu é saber que o mundo não tem sido fácil para as mulheres.

Para elaborar o TCC, utilizei de estudos feitos sobre a vida dela. Penso o quanto seria importante que todas as mulheres tivessem acesso a estas fontes, como forma de luta e protesto perante a sociedade.

Esse trabalho não se concluiu, mas suscita outras questões relacionadas a vida de Pagu. Como por exemplo: Pagu uma mulher real, porém ousada em seu tempo, deve ter sofrido com sua ousadia? Como enfrentou o machismo no Partido comunista? Como resolveu a maternidade tão conturbada? Enfim questões que necessitariam de um mergulho mais profundo em acervos e arquivos que não dispus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu: Patrícia Galvão vida obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DENER, Washington. **Educação e Gênero: A educação feminina no discurso médico e na literatura**. 1. ed. São Luís-Maranhão, 2010.

FERREIRA, Valdelice Borghi; BOSCHETTI, Vânia Regina. **Condição feminina, imprensa operária e educação**. 1. ed. São Luís-Maranhão: , 2010.

FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. **Ultrapassando os preconceitos e tabus da corporeidade: Na memória das normalistas no Instituto de Educação de Pernambuco**. 1. ed. São Luís-Maranhão: , 2010.

GALVÃO, Patrícia. **Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão**. Geraldo Galvão Ferraz (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-2001.

<http://jornalsantoshistoriapaulomatos.blogspot.com/2009/10/revolucao-de-1935-3-artigos.html>. Acessado: 06/11/2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vanguarda_Socialista Acessado: 06/11/2010.

<http://www.infoescola.com/biografias/pagu/>. Acessado: 04/11/2010.

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernismo/index.html>. Acessado: 05/11/2010.

<http://www.puccampinas.edu.br/centros/clc/jornalismo/projetosweb/2003/Semanade22/antropofagia.htm>. Acessado: 04/11/2010.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.

_____. Epistemologia feminista, gênero e história. IN: PEDRO, Maria Joana; ROSSI, Miriam Pillar. **Masculino, feminino, plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SILVA, Camila Ferreira Santos. **Do lar aos salões**: Educação feminina e etiqueta na segunda metade do século XIX. 1. ed. São Luís-Maranhão: EDITORA, 2010.

ANEXOS

ANEXO I – VIDA DE PATRÍCIA GALVÃO



Pagu (1930).



Pagu com Oswald de Andrade e o filho Rudá de Andrade, anos 30.



Anos 40, com Geraldo Ferraz e o filho Geraldo Galvão Ferraz.



Anos 50, em Santos, com Geraldo Ferraz.



As Normalistas praticando voleibol, uma das atividades físicas prediletas, pois a escola não oferecia muitas modalidades esportivas. Fotografia do álbum de Escola de Sylvio Rabello.

ANEXO II – CRONOLOGIA DE PATRÍCIA GALVÃO.

1910

9 de Junho, nasce Patrícia Rehder Galvão, filha de Thiers Galvão de França e Adélia Rehder Galvão, em São João da Boa Vista (SP).

1925

Primeiras colaborações no Brás Jornal; primeiro pseudônimo: Patsy.

Freqüenta o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde é aluna de Mário de Andrade e de Fernando Mendes de Almeida.

1927

Perde o Concurso Fotogênico de Beleza Feminina e Varonil, da Fox. Quem ganha é Lia Torá, o vencedor masculino é Olympio Guilherme, e parte para Hollywood. Antes tivera um namoro com Patrícia.

1928

Vai às reuniões do casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Raul Bopp é quem a teria apresentado aos dois. Bopp reivindica a criação do apelido Pagu (dado por achar que seu nome fosse Patrícia Goulart).

Recebe o diploma de professora na Escola Normal de São Paulo.

Primeira colaboração na Revista da Antropofagia (um desenho, no número 2 da 2ª “dentição”).

No número 8, publica novo desenho, assinado Pagu.

Começa o diário (com Oswald de Andrade). “Romance da época anarquista ou Livro das horas de Pagu são minhas”. A data é de 24 de maio, que Augusto Campos afirma “pode ser o dia do início do romance entre os dois”.

Em 5 de junho, declama poemas modernistas numa festa beneficente, vestida por Tarsila.

Casa-se a 28 de setembro com o pintor Waldemar Belizário, o casamento é pró-forma. Após a cerimônia civil, Oswald recebe a noiva de Belizário, no alto da serra de Santos e, enquanto o pintor volta a São Paulo, Oswald e seu filho Nonê se

juntam a Patrícia, rumo à praia. O casamento com Belizário seria anulado em fevereiro de 1930.

1930

Oswald de Andrade e Patrícia Galvão fazem um casamento peculiar, no cemitério, diante do jazigo da família dele, em São Paulo, a 5 de janeiro.

Nasce Rudá de Andrade, filho de Oswald e Patrícia, a 25 de setembro.

Viaja em dezembro para Buenos Aires. Ali não consegue se encontrar com Luis Carlos Prestes, a quem conheceria pouco depois, no Brasil, mas trava contatos com Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, Victoria Ocampo e Norah Borges.

1931

Entra no Partido Comunista Brasileiro.

Publica a seção “A Mulher do Povo” no jornal O Homem do Povo, que editou juntamente com Oswald. O jornal seria proibido pela polícia após oito números polêmicos que valeram o empastelamento do seu escritório por estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. No jornal também cria e desenha uma história em quadrinhos.

É presa, a 23 de agosto, em Santos (SP), ao participar de um comício em homenagem a Sacco e Vanzetti, quando um investigador negro morre em seus braços, fuzilado pela polícia getulista. É levada para o cárcere na Praça dos Andradas.

A cadeia é hoje um centro cultural que leva seu nome.

1932

Vai morar numa vila operária, no Rio de Janeiro, cidade em que trabalha como proletária em vários ofícios, entre os quais lanterninha de cinema e tecelã.

Debilidada e doente, é socorrida por Oswald.

1933

Publica o romance Parque Industrial, em janeiro. O livro, primeiro romance proletário brasileiro, tem edição financiada por Oswald e sai assinado por Mara Lobo, pseudônimo exigido pelo Partido Comunista.

Em dezembro, começa viagem pelo mundo, enviando reportagens para jornais como o Diário de Notícias e o Correio da Manhã, cariocas e o Diário da Noite, paulistano. O itinerário: Rio, Belém, Califórnia, Japão, China, Rússia, Polônia, Alemanha, França. Encontros: Sigmund Freud num navio, George Raft, Raul Rolien e Miriam Hopkins, em Hollywood, Raul Bopp, em Cobe, no Japão.

1934

Fica amiga do último imperador, Pu-Yi, com quem anda de bicicleta pelos corredores do palácio da corte manchu. Consegue dele, na Mandchuria, as sementes de soja que iniciam a cultura do cereal no Brasil.

Após visitar a Rússia, mesmo decepcionada com o regime comunista, trabalha em Paris no jornal L'Avant-Garde e como tradutora de filmes. Com o pseudônimo de Léonie, entra para o PC francês. É ferida em manifestações de rua e presa três vezes. Encontros: a vanguarda francesa – Louis Aragon, André Breton, Paul Éluard, René Crevel, em casa da amiga e cantora brasileira Elsie Huston, casada com o poeta Benjamim Péret.

A ponto de ser deportada para a Alemanha nazista, é salva pelo embaixador brasileiro Souza Dantas, que consegue recambiá-la para o Brasil. De volta, trabalha no jornal A Platéia, em São Paulo.

Separa-se de Oswald de Andrade.

1935

É presa por causa do levante comunista. Absolvida em São Paulo, é condenada a dois anos de prisão no Rio.

1937

Antes de cumprir toda a pena, foge do hospital Santa Cruz. Aparece nos jornais como uma mulher perigosa e inimiga pública do governo de Getúlio Vargas.

1938

Nova prisão. O Tribunal Nacional de Segurança do Estado Novo getulista condena-a a mais dois anos de prisão.

1940

É libertada e se casa com Geraldo Ferraz.

1941

Nasce Geraldo Galvão Ferraz, filho do casal, a 18 de junho.

1942

Trabalha nos jornais cariocas A Manhã e O jornal. Em São Paulo, publica crônicas em A Noite, sob o pseudônimo Ariel.

1944

De junho a dezembro, escreve contos policiais para a revista Detective.

1945

Publica o romance A famosa revista, escrito com Geraldo Ferraz. No Rio e em São Paulo, trabalha na agência de notícias France-Presse, onde fica por 11 anos.

Participa da redação do jornal A Vanguarda Socialista, fundado por Mário Pedrosa e secretariado por Geraldo Ferraz. Ali também publica crônicas políticas e literárias.

1946

Faz com Geraldo Ferraz o Suplemento Literário do jornal Diário de São Paulo. Escreve crônicas da vida cultural na coluna “Cor Local” e produz a Antologia da Literatura Estrangeira, onde traduz, pela primeira vez no Brasil, grandes nomes da poesia e da prosa mundial.

1948

Importante participação no Congresso de Poesia, em São Paulo.

1949

Tentativa de suicídio. Colabora no Jornal de São Paulo.

1950

É candidata a deputada estadual em São Paulo, pelo Partido Socialista Brasileiro. Publica o panfleto “Verdade e Liberdade”. Trabalha no jornal Fanfulla.

1952

Frequenta a Escola de Arte Dramática.

1954

Traduz A cantora careca, de Ionesco.

Morando em São Vicente e Santos, trabalha no jornal A Tribuna.

1956

Começa uma das primeiras colunas de tevê no país com o pseudônimo Gim, em A Tribuna.

1958

Dirige, com Paulo Lara, Fando e Lis, de Fernando Arrabal.

1960

Encontros com Jean-Paul Sartre e Eugene Ionesco, em São Paulo e no Rio.

Traduz e dirige A Filha de Rappaccini, de Octávio Paz, em Santos.

1962

Em setembro, publica seu último texto, em A Tribuna, o poema Nothing.

Vai a Paris para uma operação. Tentativa de suicídio, após o fracasso da intervenção.

Morre em Santos, em 12 de dezembro.